
DEWEY NO ECRÃ: A EDUCAÇÃO E A DEMOCRACIA SOB RESGATE

Paulo Brazão

Departamento de Ciências da Educação. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade da Madeira, Campus da Penteada, 9020-105 Funchal. jbrazao@staff.uma.pt
Centro de Investigação em Educação, Universidade da Madeira, Campus da Penteada, 9020-105 Funchal.

INTRODUÇÃO

De que modo a lógica mercantilista, de expansão global, marcadamente tecnológica influencia as sociedades ocidentais e modifica o olhar sobre a educação? Como pode o pensamento de Dewey contrapor?

Este artigo pretende identificar alguns constrangimentos que a globalização exerce sobre as sociedades, sobre os indivíduos e como condiciona o modo de olhar a educação na atualidade.

Lembrando o legado de Dewey sobre educação, realçamos como intrínseco à educação, a prevalência da experiência, da participação e da vivência crítica, enquanto construtor de identidade e de sentido democrático. Apresenta-se uma perspetiva de resistência e de esperança na resolução dos constrangimentos do mundo pós-contemporâneo.

O NEOLIBERALISMO GLOBAL E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO

A expressão designada “**Dewey no ecrã**” foi encontrada para equacionar e enquadrar algum pensamento seu sobre educação e democracia face aos constrangimentos atuais sobre o campo da Educação, provocados pela globalização económica e potenciados pela ação da tecnologia.

Para Dave Hill (2003) as políticas do capitalismo neoliberal têm marcado crescente desigualdade nos sistemas sociais, educativos e económicos. Estes sistemas têm vindo a ser reestruturados sob pressão de organizações locais e internacionais e sobre os governos mais permeáveis. Estas desigualdades diminuíram a responsabilidade democrática e sufocaram o pensamento crítico (Hill, 2003).

A Educação e a Democracia estão sob resgate tecnológico. Frequentemente mostram-se os novos prodígios tecnológicos e com a mesma pertinência se anuncia a eficácia da demanda da agenda neoliberal: o arquivo e a manipulação da informação para controle social, a devassa da vida privada. Tornam-se públicas as denúncias: o caso *Snowden*; *wikileaks*, entre outras.

No contexto das mudanças educacionais assiste-se a uma ofensiva ideológica com um plano de negócios em específico sobre a Educação. Os mercados educacionais pautam-se pela seleção e marcam crescimento exponencial nas desigualdades de acesso à educação um pouco por todo o mundo globalizado. Hill (2003) explicita três pontos visíveis deste plano de negócio:

- Produzir socialmente a força do trabalho, pela preparação e seleção dos indivíduos para as empresas capitalistas;
- Proporcionar e facilitar às empresas o lucro com a Educação;
- Tornar o negócio lucrativo à escala internacional, através de ações de privatização.

Segundo Mc-Murty (1999, referido por Hill, 2003) assiste-se à patologização do “modelo de mercado livre” porque na verdade não se trata de um mercado realmente livre, mas antes de um modelo de negócio corporativo à escala global, com regras distorcidas que destroem e reduzem as possibilidades de competição no negócio ao incorporarem as pequenas empresas inovadoras. Este sistema de regras é contornado pelos EUA e pela União Europeia sobre os países que recebem ajuda do FMI e do Banco Mundial com indicações para que abram os seus mercados às importações das grandes corporações. Hill (2003) aponta como consequência:

- Uma perda de equidade e justiça económica e social;
- Uma perda de democracia e da responsabilidade democrática;
- Uma perda de pensamento crítico dentro de uma cultura de desempenho. Hill (2003, p. 28)

Hatcher (2001, 2002) mostra que a agenda empresarial para a educação tem em vista a reprodução ideológica e económica sobre os estados e sobre as escolas para os tornar propícios às apetências do mercado.

A mercantilização da educação, mais visível nos Estados Unidos mas também com expressão na Inglaterra e na Austrália tem alterado a visão sobre a cultura da infância corrompendo-a com o crescimento incontrolável da comercialização, da mercantilização e do consumo (Giroux, 2012).

No que se refere ao consumo na infância ele tem vindo a apresentar uma marcada transição da cultura da inocência e da proteção social para uma cultura de mercantilização. Crianças e adolescentes devido à capacidade de influenciar o consumo estão no epicentro da “cultura de consumo”. Assiste-se à dominação da lógica consumista ao invés do investimento social, necessário e central na vida moral da sociedade (Brazão, 2014).

Empresas multimilionárias tornaram-se o veículo educativo e cultural que moldam e sequestram o modo como os jovens definem os seus interesses, valores e relações com os outros. Esta valoração determina apenas o lucro como sucesso e a mercadoria como relação social, regulada pelos mercados (Grosseberg, 2005). Os grupos económicos ao pressionarem o estado para a abertura da Educação ao mercado livre, conduziram a educação para uma filosofia de mercado que encara a infância como mercadoria e a democracia como inimigo.

EDUCAR PARA UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA: O LEGADO DE DEWEY

Não sendo especialista do pensamento de Dewey tomei a este propósito a referência dos capítulos 1, 2, 3, 6 e 7 do seu livro Educação e Democracia, publicado em 1916 e traduzido para português em 2007. Começo por explanar as suas considerações sobre o que é educar para uma sociedade democrática.

“A Educação consiste na transmissão através da comunicação. A comunicação é um processo de partilha de experiências até que se torna num património comum... Apesar de toda a organização social ter um efeito educativo esse efeito torna-se antes de mais, uma parte importante dos fins sociais da associação, pois tem em vista a união dos mais velhos com os mais novos. À medida que as sociedades se tornam mais complexas, em estruturas e recursos, aumenta a necessidade de um ensino e de uma aprendizagem formais ou intencionais” (Dewey, 1916, trad. 2007, p. 27)

O desenvolvimento dos mais novos não pode ter lugar pela direta transmissão de crenças e valores, emoções e conhecimentos. Efetua-se por intermédio do ambiente. O ambiente social tem um efeito educativo e consiste na junção de todas as atividades que envolvem os indivíduos e onde estes adquirem as habilidades necessárias, quando reunido o adequado estado emocional. (Dewey, 1916, trad. 2007)

Para Dewey a educação deve ter um propósito. O objetivo da educação é permitir o desenvolvimento e crescimento humano de todos os membros que estabelecem reciprocidade, (Dewey, 1916, trad. 2007). A Escola assume um importante meio de transmissão da cultura. Educar é assim reconstruir ou reorganizar a experiência encontrando o sentido intrínseco da mesma, conduzindo-a para novos ciclos de ação. Pensar é então o método de educar e de produzir conhecimento.

Sobre o conceito de sociedade democrática, Dewey afirma que esta só será eficiente se a vida dos cidadãos se constituir por experiências de livre participação, de livre construção conjunta e de livre comunicação dos significados. Só uma sociedade democrática permitirá a livre comunicação da experiência entre os indivíduos. Muraro (2013).

Para educar para a vida democrática é necessário que os indivíduos desenvolvam o pensamento reflexivo sobre os problemas da experiência humana. Este pensar desenvolve-se a partir de um problema original da vivência dos indivíduos, levando-os a construir crenças por forma a solucionar os problemas.

Uma educação para uma sociedade democrática deve proporcionar “aos indivíduos um interesse pessoal nas relações e no controlo social e hábitos de espírito que permitam mudanças sociais sem que se introduzam desordens.” (Dewey 1916, trad. 2007, p. 97).

Para Dewey a democracia não constitui apenas uma forma de governo. Ela apresenta-se como a totalidade das relações humanas e possui um significado moral e ideal, no contexto da cultura humanista, por um lado porque exige de todos uma retribuição social, por outro porque proporciona a todos a oportunidade de desenvolvimento das aptidões de cada um. Mas para que esta lógica de ação funcione não deverá haver divórcio entre as duas componentes referidas. Só assim a ideia de continuidade, de crescimento e de desenvolvimento ficará consolidada. (Muraro 2013).

O ideal de uma sociedade democrática deverá ser a de plena participação de todos os seus membros em igualdade de circunstâncias e ao mesmo tempo assegurar a readaptação flexível das suas instituições pelas diferentes formas de interação da vida associativa, (Dewey 1916, trad. 2007).

Dado que a educação é um processo social presente na pluralidade das sociedades, Dewey aponta dois critérios para a crítica e a construção educativa de uma sociedade ideal: A extensão ou seja, a propagação dos interesses do grupo, partilhados por todos os membros e a plenitude para observar a liberdade com que os membros de cada grupo interagem com os de outra comunidade.

Uma sociedade indesejável deverá ser a que crie barreiras à livre troca e livre comunicação de experiências, interna e externamente.

Muraro (2013) sintetiza quatro princípios sobre o conceito de educação e democracia em Dewey:

- Educação constitui-se como uma experiência reflexiva que tem por base a vivência do campo empírico. Esta é a origem e o destino do pensamento;
- O ato de pensar implica originalidade ao transformar a situação vivenciada;
- Aprender a pensar os problemas da experiência é a principal função da educação, condição fundamental para a vida democrática
- A vida democrática não se desenvolve com repetição ou aplicação de modelos e fórmulas definitivas, ou de conhecimentos memorizados, mas

a constitui uma contínua reconstrução de conhecimento compartilhado no qual a experiência acumulada é conteúdo imprescindível, (Muraro, 2013, p. 819).

Para Paraskeva (2007) Dewey defendia que a escola era o local por excelência para assegurar os princípios de uma sociedade democrática pois através dela a igualdade seria alcançada, mas em vez de propor a escola como base da democracia, ou seja uma democracia com a importância social e política, suportada na liberdade intelectual, defendia a democracia enquanto método e por intermédio da escola então se deveria proceder à transformação da sociedade.

Dewey acreditava que a escola tinha um papel importante de produção na mudança da sociedade e que a otimização das capacidades dos alunos para participar e avaliar a vida social poderia ser conseguida sem doutrinação (Paraskeva, 2007).

RESISTIR E AFIRMAR A EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA

Ocorre-nos, citando Sousa (2016), colocar a questão:

O que fazer perante os constrangimentos atuais sobre a educação e a democracia numa sociedade com alterações à velocidade hipersónica?

É preciso criar espaços de resistência, como afirma MacLaren (2000, 2002, citado por Hill, 2003). Com o auxílio destes autores podem ser pensadas as seguintes diretivas:

- Pensar na Educação enquanto ato político. Deve-se devolver as questões da educação para a democracia ao espaço da pedagogia para que possa ser legitimamente debatida pelos educadores enquanto trabalhadores intelectuais.
- Manter uma atividade intelectual transformadora, manifesta no espaço público, lembrando que os educadores são trabalhadores intelectuais e que devem prestar essa contribuição social.
- Manter uma atitude crítica sobre a cultura digital de forma a inverter o potencial nocivo da tecnologia, a impedir e a denunciar o controle social; usar a tecnologia para promover a equidade, através do diálogo intersocial; permeabilizar a comunicação intercultural, entre outras.
- Pensar a Educação para a produção social. É na educação que podemos obter a produção social e a escola é o espaço nobre para o fazer. Tal como Dewey acreditamos que é na educação que podemos obter a produção social e a escola é o espaço nobre para o fazer. Claro que existem muitos outros espaços sociais para o fazer também. Pensando

na educação como elemento de transmissão inter-geracional será interessante compreender o sentido crítico dos fenômenos de constrangimento atual observando as diretivas tomadas para as políticas públicas na área da educação. As consequências da mercantilização da educação deverão ser equacionadas no debate pedagógico. As políticas de mercantilização da educação, com a lógica do desperdício e na descartabilidade deixam danos permanentes na forma como as sociedades devem encarar os jovens e a infância. Estas não são apenas matérias de debate político ou económico (Brazão, 2015).

- Resistir à pressão da agenda neoliberal e lutar pelo resgate do espaço pedagógico para fins emancipatórios. A crítica consolida-se pela afirmação da causa e esta não pode estar alheia da identidade de quem a produz.

Educar para a Democracia é educar para a participação social, defendendo-a enquanto princípio, cuidando-a no seu processo e criticando-a na sua finalidade. Afinal, para que serve a Educação?

REFERÊNCIAS

- Brazão, P. (2012). Cultura, tecnologia e currículo: relações e tensões em tempo de crise, in A. Bento (Org.). *A escola em tempo de crise: oportunidades e constrangimentos* (pp.275-284). Funchal: CIE-UMa. (ISBN: 978-989-97490-2-3)
- Brazão, P. (2014) Mercantilização da Educação e hipercapitalismo. In F. Correia (Org.). *Estado Mínimo. Escola Mínima* (pp.212-215). Funchal: CIE-UMa. (ISBN: 978-989-95857-5-1)
- Brazão, P. (2015). A Escola restante e a cultura digital: entre o déjà-vu e os novos ambientes de aprendizagem. In F. Fraga & A. Kot-Kotecki (Org.). *A Escola Restante* (pp.209-222). Funchal: CIE-UMa. (ISBN: 978-989-95857-6-8).
- Dewey, J. (1916) *Democracy and Education: an introduction to the philosophy of education* (1916), traduzido para o português “*Democracia e educação*” (Didática Editora, 2007).
- Grossberg, L. (2005). *Caught in the crossfire: Kids, Politics, and America’s Future*. Boulder: Paradigm Publishers.
- Hill, D. (2003). O Neoliberalismo Global, a Resistência e a Deformação da Educação. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.2, pp.24-59, Jul/Dez 2003.
- Muraro, D. (2013). Relações entre filosofia e educação de John Dewey e de Paulo Freire. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 813-829, jul./set. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.
- Paraskeva, J. (2007). Introdução - A imperiosa obrigação de ir para além de John Dewey sem o evitar. in J. Dewey (2007). *Democracia e educação*. Lisboa: Didática Editora. pp. 6-15.
- Sousa, J. M. (2016). Currículo em tempo de mestiçagem. In *Revista Estudos Curriculares*, 7 (1), 14-24. ISSN: 1645-751X.